



Texto licenciado sob a forma de uma licença *Creative Commons* Atribuição 4.0 Internacional



**Perder a mãe:
uma jornada pela rota atlântica da escravidão, por Saidiya Hartman**

**Lose Your Mother:
A Journey Along the Atlantic Slave Route, by Saidiya Hartman**

**Perder a la madre:
un viaje por la ruta atlántica de la esclavitud, por Saidiya Hartman**

Patrícia Cunegundes Guimarães

Doutoranda em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio. Mestra em Comunicação pela Universidade de Brasília – UnB. Integrante do grupo de pesquisa O documental no cinema e nas interfaces audiovisuais: imagens em disputa (IMADIS).
E-mail: patriciacunegundes@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3472-6921>



Resenha

Hartman, Saidiya. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Trad. José Luiz Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.



Resumo: A partir de um mergulho na história do comércio atlântico de escravos¹, saindo de Gana para as Américas, Saidiya Hartman tenta preencher as lacunas da história africana, afro-americana e de sua própria família, numa “fabulação crítica” construída a partir dos silêncios, da falta de arquivos e de sua experiência vivendo em Acra, capital ganense, no fim dos anos de 1990. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* investiga a paisagem ganense, o oceano Atlântico e as ruínas do período da escravidão como arquivos possíveis, refletindo também sobre o mito do pertencimento, sobre ter o “próprio parentesco, o próprio país, a própria identidade negados” (p. 108).

Palavras-chave: Escravidão; Arquivos; Diáspora; História.

Abstract: From an immersion in the history of the Atlantic trade of slaves, leaving Ghana for the Americas, Saidiya Hartman tries to fill in the gaps in African, Afro-American and her own family’s history, in a “critical fabulation” built from the silences, the lack of archives and her experience living in Accra, the Ghanaian capital, in the late 1990s. *Lose your mother: a journey along the Atlantic slave route* investigates the Ghanaian landscape, the Atlantic Ocean and the ruins of the period of slavery as possible archives, reflecting also about the myth of belonging and about being “denied your kin, country, and identity” (p. 108).

Keywords: Slavery; Archives; Diaspora; History.

Resumen: A partir de una inmersión en la historia del comercio atlántico de esclavos, dejando Ghana rumbo a las Américas, Saidiya Hartman intenta llenar los vacíos de la historia africana, afroamericana y de su propia familia, en una “fabulación crítica” construída a partir de los silencios, la falta de archivos y su experiencia viviendo en Acra, la capital de Ghana, a fines de la década de 1990. *Perder a la madre: un viaje a lo largo de la ruta atlántica de los esclavos* investiga el paisaje ghanés, el océano Atlántico y las ruinas del período de la esclavitud como posibles archivos, reflexionando también sobre el mito de la pertenencia y sobre la “negación de la familia, el país y la identidad” (pág. 108).

Palabras clave: Esclavitud; Archivos; Diáspora; Historia.

Professora de Literatura Comparada da Universidade de Columbia Saidiya Hartman é uma das principais referências da diáspora africana na atualidade, com pesquisas sobre a escravidão e literatura afro-americana. Hartman, convidada para participar da 20ª edição da Festa Literária de Paraty (FLIP), em novembro de 2022, ao lado da antropóloga argentina Rita Segato, é ainda cofundadora do *The Sojourner Project*, uma academia digital de Estudos Negros iniciada pelo coletivo *Practicing Refusal*, um fórum internacional de artistas e acadêmicas feministas negras dedicado a iniciar diálogos sobre negritude no século XXI². Autora de diversos livros e ensaios, entre eles *Vênus em dois atos* (2020) e *A sedução e as artimanhas do poder + O ventre do mundo: uma nota sobre os trabalhos das mulheres negras* (Crocodilo Edições, 2022), e o mais recente livro editado no Brasil, *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais* (Editora Fósforo, 2022), publicou em português em 2021 *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*, editado pela Bazar do Tempo.

Em *Perder a mãe: uma jornada pela rota da escravidão*, resultado de uma

¹ Repete-se a palavra “escravo” que a autora utiliza, seguindo decisão editorial e de tradução, conforme nota explicativa no prólogo do livro.

² <https://www.thesojournerproject.org/>

viagem de um ano a Gana como bolsista do Programa Fullbright e publicado nos Estados Unidos em 2006, Saidiya Hartman trata do comércio atlântico de escravos, refletindo sobre suas consequências na história africana e afro-americana e sobre suas próprias raízes, a partir de uma metodologia que ela identificou, em *Vênus em dois atos*, como “fabulação crítica”, ou seja, uma “escrita impossível que tenta dizer o que não quer ser dito” (2020, p. 28), um relato da história “com e contra o arquivo” (*op. cit.*, p. 30) e, podemos completar, com e contra a ausência de arquivos. O interesse pelo período da escravidão foi despertado aos 12 anos, por um bisavô, conta-nos a autora no prólogo de *Perder a mãe*. Foi durante um passeio com Moses, avô de sua mãe, que ela descobriu parte da história de sua família: “Desde aquela tarde com meu bisavô, tenho buscado parentes cuja prova de sua existência são apenas fragmentos de histórias e nomes que se repetem através de gerações” (2021, p. 21). A ausência de fotografias ou outros documentos contribuem para aumentar as lacunas e os silêncios familiares, e não são incomuns, nos diz a autora. “A escravidão fazia do passado um mistério desconhecido e indizível” (*op. cit.*).

Nas pesquisas para sua tese, Hartman se depara com o testemunho de uma tataravó materna em que afirmava não se recordar da escravidão. Os silêncios da ancestral suscitaram uma série de perguntas. “Se a ruína era minha única herança e a única certeza era a impossibilidade de recuperar as histórias dos escravizados, isso tornava minha história equivalente ao luto?” (*Ibid.*, p. 24-25): aqui a fabulação crítica parece ser a única resposta possível para ela, que afirma que, apesar de a formação na pós-graduação não a ter preparado para contar as histórias “daqueles que não deixaram registros de suas vidas”, estava determinada a preencher os espaços em branco do arquivo histórico, representando a vida daqueles considerados indignos de serem lembrados, “a vida dos homens infames”, para usar uma expressão de Michel Foucault (2003).

Os rastros que pensou ter da tataravó desapareceram: não conseguiu mais localizar seu testemunho nos arquivos que havia consultado anos antes e aos quais voltara. Foi a partir desse episódio que mergulhou no arquivo da escravidão, indo parar em Gana, com a intenção de encontrar “os restos daqueles que haviam desaparecido” (*Ibid.*, p. 26). *Perder a mãe* mapeia a experiência de Hartman vivendo em Gana em busca dos rastros deixados por aqueles que foram capturados e transportados para as Américas.

Se a história de sua família, assim como as lacunas e os silêncios, levou Saidiya Hartman a se interessar em pesquisar a escravidão a partir do que falta, do que não se quer que seja dito, a partir da vida dos “infames”, como escrever sobre o comércio escravo e sobre o que ainda sobrevive dele a partir da busca de arquivos em Gana sem

levar em consideração sua ancestralidade e busca por pertencimento? Usando também sua própria experiência, ela tece a narrativa sobre o tráfico de escravos a partir de Gana, afinal, como afirma Achille Mbembe, “dizer ‘eu’ não será a primeira palavra de qualquer conversa pela qual o ser humano procura ganhar existência como tal?” (2017, p. 210). Hartman constrói um lugar de observação, de elaboração de um outro ponto de vista para observar-se a si mesma em estado de ruptura, de recorte histórico, ou de memória traumática (MARGEL, 2017, p. 176).

Durante o ano em que viveu em Acra como pesquisadora bolsista Fullbright, Saidiya Hartman compreendeu que as angústias afro-americanas não poderiam ser aplacadas por um “retorno” ao continente mãe, refletindo assim sobre o mito do pertencimento. Ela inicia o livro perscrutando a palavra com a qual foi percebida ao chegar em Gana e que a acompanhou durante a jornada: estranha, forasteira, uma *obruni*. Hartman questiona a construção, no imaginário afro-americano, de uma “Afrotopia”, sem negar a verdade histórica de sua identidade *obruni* – para ela “ser estrangeira não se refere unicamente a familiaridade, pertencimento, exclusão, pois também envolve uma relação particular com o passado” (*Ibid.*, p. 27). Ela seria, portanto, a lembrança de 12 milhões de pessoas que cruzaram o Atlântico e também de um passado que não acabou (*op. cit.*).

Em seguida, o livro nos leva ao Castelo de Elmina, fortaleza do século XV utilizada como “depósito” de pessoas escravizadas, acompanhando a incursão que a autora faz na região, discutindo a tensão entre afro-americanos e africanos. Na ausência (ou na escassez) de documentos textuais, a fortificação transforma-se em arquivo possível a ser escrutinado e confrontado com o presente, na medida em que sua caminhada permite ao leitor vislumbrar a pobreza “amontoada” no entorno do castelo. Hartman compara a situação de quem vive ao redor do Castelo de Elmina com as acomodações “privilegiadas” do bairro onde vive, nos Estados Unidos, apontando a distância talvez intransponível entre aqueles cujos ancestrais foram forçados fazer a travessia pela Passagem do Meio e aqueles cujos ancestrais ficaram.

São dobras do tempo que Hartman constrói para explorar os impactos residuais da memória e da escravidão ali na rota atlântica do comércio de escravos. No capítulo “Os tempos difíceis”, ela relata a experiência de viver o racionamento de energia elétrica em função de uma seca que diminuiu os níveis do reservatório abastecido pelas águas do rio Volta (p. 219) e prejudicando a área rural, mais empobrecida. “Tempos difíceis” era como seus ancestrais se referiam ao período da escravidão. No capítulo seguinte, “Estrada faminta” (p. 227), a pobreza do tempo presente está tensionada com os tempos de prosperidade da riqueza dos búzios e da venda de pessoas escravizadas: os efeitos da escravidão devastaram as áreas ao longo da rota dos escravos.



“Dizem que, se você olhar para o mar por muito tempo, cenas do passado renascerão. Dizem que o mar é ‘histórico’” (p. 173). Assim a autora começa o capítulo “O livro dos mortos”, em que descreve a luta por dignidade das pessoas capturadas e consideradas “dispensáveis” para o comércio, construindo a narrativa sobre a vida de uma garota que morreu num navio negreiro, o *Recovery*, a partir de “umas poucas linhas de uma transcrição judicial mofada” (p. 174). O ensaio *Vênus em dois atos*, escrito depois de *Perder a mãe*, apesar de ter sido lançado no Brasil antes do livro, traz as reflexões sobre as questões de ética e representação na escrita desta vida tão precária, cuja defesa da existência eram as poucas linhas encontradas sobre ela. Hartman restaura parte da humanidade das vítimas esculpindo imagens de suas histórias e lutas, em vez de simplesmente descrever seu valor monetário.

É sob a insígnia da vergonha que os ganenses resistem em discutir sobre a escravidão, para evitar admitir sua participação histórica no comércio de pessoas, atividade que formou as bases do capitalismo ocidental. A autora relata a dificuldade de encontrar interlocutores dispostos a discutir formas possíveis de superação deste trauma histórico e de suas consequências materiais e psíquicas na vida de africanos e de afro-americanos. “A história da escravidão fabricada para consumo dos negros estadunidenses nada tem a ver com as lutas de muitos ganenses no presente” (p. 208), afirma Hartman, para quem o fantasma da escravidão era evocado para fins diferentes por afro-americanos e africanos. Aqueles desejavam reconquistar seu patrimônio africano e escapar do racismo nos Estados Unidos, enquanto os ganenses desejavam fugir da pobreza e “encontrar uma rota para a liberdade” (p. 208), idealizada como sendo a ida para os Estados Unidos. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão* faz reconhecer que nenhum lugar ou herança irá curar o trauma secular da escravidão, rompendo com a narrativa conveniente – e explorada comercialmente pelo turismo – do retorno, tentando encontrar uma outra linguagem que torne possível a conexão entre africanos e afro-americanos.

Na ausência de arquivos textuais e outros documentos que pudessem ser acessados apenas em Gana – e não em repositórios europeus ou estadunidenses – Saidiya Hartman utiliza o espaço como arquivo possível, e o testemunho para construir sua “fabulação crítica” sobre a rota atlântica da escravidão, sobre o colonialismo e suas consequências, em que sua experiência pessoal e a história da escravidão estão imbricadas. O Atlântico, as ruínas, os porões do castelo de Elmina são elementos fundamentais para o trabalho “arqueológico” de Hartman, que seguiu os rastros dos despossuídos, dos que foram feitos cativos e trocados como mercadoria, “abraçando” a emoção da sua vivência em Gana como sujeito diaspórico ao incluir essa experiência no livro.



Perder a mãe não é um livro sobre a busca por raízes, embora a jornada de Hartman a tenha levado a compreender o que “sua” África representava para ela. Compreender-se como afro-americana significava pertencer a uma África de cidadãos criados por “fugitivos e rebeldes”, na coragem de jovens suicidas a bordo de navios negreiros que cruzavam o Atlântico, e não uma África de grandes cortes e realezas (p. 294). O legado que ela reivindica para construir essa outra linguagem de conexão é o legado dos fugitivos, dos rebeldes, dos revolucionários, com o sonho de um território livre, de “autonomia em vez de nacionalidade” (p. 294).

Referências

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, M. *Estratégia, poder-saber. Ditos e escritos IV*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003, p.203-222.

HARTMAN, S. *Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

_____. *A sedução e as artimanhas do poder + O ventre do mundo: uma nota sobre os trabalhos das mulheres negras*. São Paulo: Crocodilo Edições (2022).

_____. Vênus em dois atos. *Revista Eco-Pós*, v. 23 n.3, pp.12–33 (2020). <https://doi.org/10.29146/eco-pos.v23i3.27640>.

_____. *Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encenqueiras e queers radicais*. São Paulo: Ed. Fósforo, 2022.

MARGEL, S. *Arqueologia do fantasma: técnica, cinema, etnografia, arquivo*. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017.

MBEMBE, A. *Políticas da inimizade*. Lisboa: Antígona, 2017.

Recebido em: 01/12/2022 | Aprovado em: 27/12/2022